

# Metáforas somatopsíquicas: o infantil em suas re(a)presentações como constituinte do desenvolvimento emocional

Mariângela Mendes de Almeida<sup>1</sup>, São Paulo

*Partindo da noção de infantil como reservatório sempre presente de aspectos arcaicos revisitáveis, em constante resgate e atualizações, a reflexão clínica apresentada percorre a experiência de uma dupla analítica em vários encontros com o infantil, considerando a presença em registros somáticos e as lembranças instaladas no corpo, ambos clamando por integração psíquica. Para se referir a esse processo, proponho a noção de metaforização somatopsíquica. Diante da precariedade de vivências relacionais, Lídia parece precisar gerar e gestar possibilidades de transformação ao exercitar novas parcerias de intimidade capazes de auxiliá-la a internalizar objetos sentidos como menos violentos e não tão ameaçadores. O contato clínico com estados primitivos (forjados, em linguagem metafórica pela paciente, como pacotinhos perdidos a serem encontrados e desembrulhados) estaria demandando a construção de aspectos da experiência não representada e a constituição de tecido psíquico, além (mas também aquém) do desvelamento de aspectos reprimidos e recalcados. Paralelos entre a relação analítica e o emergir da gravidez da paciente evocam elucidativas comunicações de aspectos do infantil, além de possíveis janelas de acesso ao campo da metaforização e integração somatopsíquica.*

<sup>1</sup> Psicóloga e psicoterapeuta. Membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), participante da Clínica 0 a 3 e do Grupo Prisma de Psicanálise e Autismo. Mestre pela *Tavistock Clinic*, Doutora pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Coordenadora do Núcleo de Atendimento Pais-Bebês (Pediatria, UNIFESP). Docente e Supervisora no Instituto Sedes Sapientiae.

Mariângela Mendes de Almeida

---

*Palavras-chaves: Clínica psicanalítica; Metáfora somatopsíquica; Transferência; Infantil; Aspectos primitivos da mente; Técnica psicanalítica; Gravidez*

## Introdução: Metáforas e apresentações

Como diria um de nossos mestres aproximadores da contribuição bioniana em momento iluminado de ensino, “se não for como a vida, não é psicanálise!” (Nogueira, 2002, comunicação pessoal). Da mesma forma que a própria existência humana em suas várias manifestações, o trabalho psicanalítico envolve uma mescla de aspectos ligados à realidade física, compartilhada via interfaces ou códigos intersubjetivados em contato com nosso perene fluxo e manancial interno de constante criação e reapresentação à transformação por nossos vínculos.

Cotidianamente, como meios de transporte entre as várias dimensões, co-criamos metáforas em parceria com os nossos analisandos, conjugando elementos vivenciados a partir do corporal, ou inscritos no corpo em conexão não objetivamente mediada, com aspectos inacessíveis à consciência, que podem re-emergir em forma condensada e polissemicamente multifacetada.

Montagna (2006), lembrando que a palavra *metáfora* remete-nos às suas raízes gregas (*meta*: mudança, alteração e *phora*: transporte), descreve a metáfora como um continente para a experiência emocional, uma ponte do corpo para a mente, do concreto para o simbólico.

Ficção e realidade, mente e corpo, psíquico e físico, inconsciente e consciente, subjetivo e objetivo, objeto interno e objeto externo, são uma parte das dualidades (alguns diriam até *virtuais*) que nosso trabalho-ponte desafia-se a integrar, desde as pioneiras investigações de Freud sobre os princípios do prazer e realidade e sobre processos primários e secundários, Ego, Id e Superego. Ao longo da tradição psicanalítica, buscamos o acesso ao caráter *mesclado* das manifestações humanas. Conversões, deslocamentos, sintomas, lapsos, chistes, associações, formações oníricas, projeções, manifestações lúdicas, expressões gráficas, imagens simbólicas ou proto-simbólicas, são nossas *vias régias* de contato com aspectos primitivos não conscientes ou ainda por se constituir.

Nossos próprios instrumentos e ferramentas de trabalho, com ênfase na análise do campo transferencial (transferência e contratransferência desde suas proto-incipiências), convocam-nos a acompanhar as transformações a partir do impacto, no outro e em nós mesmos, desse encontro analítico.

Vinhetas clínicas da análise de Lídia (Mendes de Almeida, 2013) expressam

aqui a noção de metáforas somatopsíquicas (Mendes de Almeida, 2014), um recurso transicional no trabalho de integração das várias dimensões do funcionamento mental. Convidando o leitor a sustentar esse aparente paradoxo entre metáfora e presença do somático, visamos refletir sobre as repercussões na técnica que são inspiradas por essa via de acesso terapêutico.

A ideia de empatia metaforizante de Serge Lebovici (2014) está aqui presente como ingrediente essencial da atitude de mente do analista receptivo aos aspectos não verbais, à atmosfera emocional e às comunicações inconscientes vivenciadas muitas vezes inicialmente a nível corporal, pré-simbólico.

A possibilidade de metaforização e co-construção desenvolvida pelo analista junto aos seus pacientes, em situações de necessidade de intervenção nas relações iniciais entre pais-bebê/crianças pequenas, é um dos pilares fundamentais do trabalho realizado por Lebovici e seu grupo na expansão das consultas terapêuticas de Winnicott (1971/1984). Aspectos primitivos, descentralizados de uma cronologia, mas ancorados na qualidade da experiência, vitalizam-se a partir desse olhar para os aspectos infantis de todos nós ao longo da vida.

A narrativa do artigo privilegia uma linguagem próxima da ficcional, por vezes onírica, marcando a clínica soberana como nossa ficção e berço de nossas articulações técnico-conceituais, as quais emergem nesses entrelaçamentos de impactos que tocam o primordial originário, mobilizando, também em nós, uma continência somatopsíquica. Intencionalmente, portanto, a descrição clínica vai se desenvolvendo de maneira – orgânica, mesclando-se às construções conceituais emergentes.

### **Primeiras correntes marítimas: o infantil em cena como elemento originário em re-criações somatopsíquicas**

Ao longo desse artigo, tomaremos contato com áreas de personalidade que, como *pacotinhos* à deriva, puderam, por correntes marítimas instáveis, mas persistentes nas águas da relação analítica, chegar à praia dos registros compartilhados, sendo neles reconhecidos a carapaça de limo e musgo, o peso encharcado do tempo, a marca de solidão e desespero dos naufragos, a imobilidade do congelamento e o risco de extinção diante da exposição às intempéries de todos os climas e turbulências. Paradoxalmente (ou não) ainda embalados (protegidos) em pacotes, que objetos são esses? Estariam eles (i)mobilizados por necessidade de vivência concreta/ atuação, em um repetir como compulsão (Freud, 1914/1980), ou estariam ancorados em legítimas possibilidades de elaboração, no registro da

Mariângela Mendes de Almeida

---

comunicação pelo repetir para poder elaborar? A partir da experiência clínica com Lídia, tais *pacotinhos* são reconhecidos, na praia psicanalítica, como elementos recicláveis, já não tão assustadores e nem re-condenáveis ao banimento psíquico.

Os processos que permitiram tais movimentos envolveram-me muitas vezes em dúvidas e turbulências no encontro dos arcaicos de cada um, que, ao fazer parte do trabalho da dupla, constituíram-se em intersubjetividade e comparecerão também aqui no presente relato em torno do Infantil. Este conceito é assim definido por Guignard (1997):

Estranho conglomerado histórico-a-histórico, cadinho das fantasias originárias e das experiências sensório-motoras memorizáveis na forma de traços mnêmicos (...) lugar psíquico das emergências pulsionais iniciais e irrepresentáveis. Desse *antes*, só conheceremos os vestígios representáveis, na forma de teorias sexuais infantis, por um lado, e de traços mnêmicos, por outro. (...) o infantil é essa liga de pulsional e de estrutural “flexível”, que faz com que a gente seja quem é e não um outro. (p. 16)

### ***Pacotinhos à vista: procurando Lídia***

Lídia procura análise aos 38 anos, com a necessidade de *rever questões de relacionamento*, principalmente com o atual companheiro e com o filho pré-adolescente de um primeiro casamento, pressionada por inseguranças que a levam a refletir sobre a consistência, a estabilidade e o histórico de seus vínculos.

Moça bem articulada verbalmente, às vezes o seu olhar vivo e alerta parece assustado. Sua voz é fluente, assertiva, apesar de muitas vezes sussurrada, em baixo volume, demandando escuta atenta e movimento de aproximação. Coloca-se de maneira séria, planejada, mas demonstra, ao mesmo tempo, uma meiguice pueril e despojada na naturalidade de seus cabelos soltos, assim como na simplicidade com que se veste.

Chama atenção a forma como reproduz, com detalhes, diálogos em situações que a preocupam, como se estivessem acontecendo ali ao vivo diante de nós, em discurso direto, usando pausas, entonações, meios sons e interlocuções características. Lídia me chama para a cena viva dentro de si, colocando-nos ambas na escuta do infantil, vivido nas entranhas, como bebês em impacto direto e sensorial, clamando por transformações.

Filha mais velha, com três irmãos de idade próxima da dela, Lídia vem de uma família de uma pequena cidade distante dos centros cosmopolitas do país.

Refere ter perdido uma irmã (bebê) por problemas de saúde, relacionados aos poucos recursos da família no ambiente rural.

Apresenta-se como alguém, desde criança, preocupada com uma mãe sobrecarregada, sem suporte do pai, sentido como distante afetivamente e pouco participativo da vida familiar. “*Com meu pai, não tinha conversa... levei muita bronca dele sem nem saber o porquê...*” Seu pai saíra de casa quando ela tinha 7 anos. Quanto aos sentimentos em relação a ele, refere um “*bloqueio total... nem sei em qual dos pacotinhos ficou...*”. Grande parte do período inicial de análise é marcado por intenso ressentimento e pela recusa ativa em permitir a entrada e presença da figura paterna, tanto em seu cotidiano de contato quanto em seu mundo mental. Diz inicialmente que “*não se recorda de nada*” do contato com o pai e que “*não quer se recordar*”. Apresenta a mãe como uma figura santificada, vulnerabilizada pelos sacrifícios e dificuldades da vida, a quem ela ajuda até hoje. A família de origem e suas raízes culturais parecem distantes do relato e da rotina atual de Lídia, apesar de se tornarem evidentes diretamente no corpo, no seu sotaque e forma de falar. Vemos aqui talvez a expressão do *locus* original para o conceito de infantil de Guignard (1997), qual seja, o corpo como manifestação e continente do singular, que faz com que sejamos nós mesmos e não um outro, mas, ao mesmo tempo, sempre expostos à experiência viva das transformações ao longo da vida.

Conseguindo garantir o desenvolvimento de seu primeiro filho sem suporte do pai do garoto, repetindo o próprio histórico familiar, Lídia sempre se orgulhara de sua *capacidade de dar conta de tudo sozinha*. A impressão que evoca é de que seu passado infantil está e deve ser mantido longe, nestes *pacotinhos*, expressão viva por ela mesmo cunhada e que abriga muitas de nossas metáforas compartilhadas ao longo da análise. Ao mesmo tempo, tem necessidade de trazê-los à tona e se surpreende quando eles surgem, aparentemente de repente, como volumes boiando na superfície do mar, após terem ficado enroscados nas profundezas. Muitas vezes, é a minha atenção também flutuante que os visualiza ao longe, mantendo-os por perto.

Levine (2013) considera que, no trabalho com os conteúdos latentes do inconsciente representado, nosso percurso se dá via associação livre, uma interpretação do consciente e pré-consciente para então adentrar a profundidade do inconsciente. Entretanto, na análise do não representado, os elementos da mente, conscientes, pré-conscientes e inconscientes, precisam ser criados por um processo que começa na psique do analista, sendo então oferecidos e inscritos na mente da paciente como parte de um processo interativo e intersubjetivo. Reconhecemos, no trabalho com Lídia, entrelaçamentos entre esses dois níveis de demanda analítica. Entretanto, a presença de erupções de imagens de bloqueios e de pacotes relegados ao limbo convoca-nos aqui à ênfase nos fluxos constitutivos das representações.

Mariângela Mendes de Almeida

---

## Transferências em movimento: vivenciando gestações, fertilização ou atuação?

Aos quatro meses de trabalho analítico, em mergulho de quatro vezes por semana, aparece a temática de um novo bebê a caminho. O infantil requisita existência e manifestação ao vivo. O desenvolvimento dessa gravidez, a gestação de seu desenvolvimento psíquico e do seu desenvolvimento como mãe gestora dos próprios frutos caminham em paralelo durante os nossos sete anos de trabalho: gradativamente, Lídia pode ir vivenciando comigo a gestação de seus sentimentos como característicos de um percurso pessoal. Ela é também o próprio bebê que está por nascer, junto com a *mãe*/função materna que pode ir emergindo em contato com um vínculo nascente. Expressões do infantil, magma candente e maleável, tocado por nosso espaço analítico, evidenciam o canal de contato com rios voadores subterrâneos. Tal imagem, intencionalmente paradoxal, evoca a qualidade de diversas camadas de *transporte* nos fluxos psíquicos integrados às nossas vivências cotidianas.

Precisaria ela ter/ser de fato um bebê em análise para poder cuidar e ser cuidada simultaneamente?

## Fertilização psíquica *assistida* e atu(aliz)ação vivencial propulsora de desenvolvimento?

Tomando a produção onírica, a partir da contribuição ferencziana, como radiografia panorâmica da estrutura psíquica e como retrato do estado atual da configuração do psiquismo para além da realização de desejos inconscientes (Kahtuny & Sanches, 2009), assim se apresenta o panorama inicial de Lídia em análise:

L – *Eu tive um sonho tão esquisito... Que tinha dois lagos, eu estava nesse lugar com um lago de água límpida e outro de água turva. No de água turva tinha uma criança sentada, parecendo perdida, sozinha. Eu ficava muito preocupada de ela estar sem os pais e querendo procurar os pais dela. Ela não parecia tão preocupada e dizia “tudo bem, eu estou com o meu meio-irmão...”*

Revisito estas imagens como possível condensação de conflito quanto a gestar possíveis mudanças – crianças em desenvolvimento – e filtrar relações (água límpida e águas turvas, com visão turva, em que seu infantil se vê perdido, abandonado, querendo procurar os pais/ cuidadores/ continência, procurar sua história psíquica). Parece existir a expectativa de ser cuidada por aspectos analíticos

intersubjetivos e parentais internos, porém, neste momento, quem cuida de Lídia são os aspectos em crescimento, também ainda crianças (dela própria e de nossa relação, que também ainda é, de certa forma, jovem, mesmo que sentidos como próximos). Será que ela se sente fortalecida pela relação analítica a ponto de desenvolver recursos para lidar com a dor mental e com o sofrimento psíquico ou isso tem mesmo que ainda nascer (quase que concretamente) e retomar os passos de novas possibilidades de identificação? Para Lídia, talvez não baste recolher os *pacotinhos*, deve-se permitir a sua chegada e experimentar reciclá-los...

Mágoa e pavor encapsulados solicitam nosso olhar e *desempacotamento*: “*Tem muitos sentimentos meus ligados à minha história que eu sinto que estou desenterrando na análise*”.

A clínica psicanalítica contemporânea tem apontado como nos vemos participando inconscientemente em processos interativos e dialógicos que possuem o efeito de aproximar o paciente de algo que ainda não adquiriu presença suficiente de uma maneira figurada. É somente depois da figuração acontecer que algo pode ser reprimido e, subsequentemente, descoberto ou decodificado (Levine, 2013).

### **Poder ser mãe, poder ser bebê: movimentos do infantil em Lídia**

Lídia demonstra sinais de identificação com uma função materna (paterna e parentais também) muito precária. Parece necessitar desse espaço de construção, para não só poder ser mãe, e até somatopsiquicamente gestar algo novo, mas também para poder nascer como bebê psíquico.

Os aspectos de eficiência e autossuficiência de Lídia (*tirar tudo de letra*) são muito solicitados para resolver desconfortos e necessidades concretas de mudança. Com uma imagem materna sobrecarregada, Lídia também não pode desapontar, nem se imaginar desapontando/não pode nem ter a representação do desapontamento. Exige de si mesma um cuidado através de estratégias de controle ansioso, mais do que de genuína capacidade de continência. Não pode também solicitar de verdade o suporte da mãe, já que a idealiza e a poupa de críticas, mantendo-a em uma aura de santidade intocável. Com nosso trabalho, entretanto, vai se permitindo uma via diferente: “*Se não estivesse em análise, ia ser difícil aguentar essas dúvidas, essas coisas que ainda não estão certas e completamente combinadas... em outro momento eu faria tudo mais rápido... mas não é só uma mudança no fisiológico...*”.

Ao mesmo tempo em que o bebê de Lídia vai crescendo e o seu espaço passa a ser construído, vai se desenvolvendo também um *bebê* (talvez ainda *feto*) fruto

Mariângela Mendes de Almeida

---

da análise, como a transformação de um mundo interno, um *bebê/feto* germinado e fecundado no contexto analítico como possibilidade de re-criação dos objetos internos de Lídia.

Reconhecemos a peculiaridade da situação de gravidez, que tanta relação tem com o nosso momento analítico: ao mesmo tempo em que a põe em contato com tanta força, potência e capacidade de criação (*eu posso, eu faço, eu crio*), é também uma grande confirmação da necessidade que ela tem do outro para gerar e para ajudar a gestar, provendo cuidados em momentos de fragilidade e sensibilidade.

Lídia parece ter alguma ideia de como esses bebês (tanto a sua criação real quanto a nossa re-criação de seus objetos internos na análise) podem estar ainda sob ameaça de aspectos intergeracionais de sua própria história que insistem em se repetir. Parece notar também como defesas rígidas e onipotentes de autossuficiência mesclam-se a uma confiança na autonomia vinculada e tranquila destas suas *crias*, em parceria frutífera com o continente cuidador mãe/analista. Isso fica demonstrado, por exemplo, em uma das sessões, aos 4 meses de gravidez, em que Lídia refere ter tido muitos sonhos angustiantes, relatando um deles:

*Estou com um bebê de colo, pequeno, rosto pequeno. O bebê engasga e eu fico aflita. Quando tiro o que está fazendo ele engasgar, vejo que é um dosador de remédio. Na outra cena, o bebê engasga de novo. Quando vou tirar, vejo que é algo branco, aí tenho uma surpresa: o bebê fala – não, mamãe! Nessa hora não tem aflição, o bebê está bem, dizendo que eu não preciso tirar...*

Lídia impressiona-se e se maravilha com o bebê podendo ter voz, associando essas cenas com o espaço que progressivamente pode ser construído para o bebê por uma parte dela mais tranquila, ao invés daquela parte aflita que se desespera com os engasgos, obstáculos, dúvidas sobre dosagens, adaptações, mudanças. Entretanto, o bebê que faz o fim do sonho lhe parecer bonito, tornando-o tolerável frente a tanta angústia, é o mesmo que cuida do cuidador e que precisa, assim como ela, crescer rápido e assumir a carga de acalmar a si e à mãe.

Ferenczi (2011), em seu *Sonho do bebê sábio*, aborda a frequência de sonhos em que o aspecto infantil, frente a possíveis sofrimentos físicos ou psicológicos, mescla traços da idade e da sabedoria com a figura da criança indefesa e submissa da infância traumática, representada de forma emblemática pela imagem da fragilidade infantil unida à sabedoria do adulto, o bebê sábio que, como aquele que aparece no sonho falando sem aflição, suplanta os adultos em habilidades e conhecimento. Podemos, nesse bebê, ver Lídia, em seus sonhos e realidades, corpo e psique frágil crescendo em atitude adulta autossuficiente de amadurecimento precoce, às custas de intenso sofrimento, necessidades de repetição traumática e demanda de cuidado.

O dosador de remédio ilumina a nossa trilha para muitas associações, ao

dosar-a-dor possível e a dose de remédio que não engasgue... O que faz o bebê engasgar no início é o próprio dosa/dor, algo sólido, aflição em bloco. Porém, a segunda imagem é de algo mais maleável, um branco sem aflição (alusão ao leite – nutrição materna?), que não obstrui a voz do bebê, permitindo até que ele fale de seu lado cuida-dor de quem ofereceria o cuidar. Algo que parece ser difícil de engolir, mas existe espaço para que o bebê interno tenha voz. A análise, que ampara Lídia frente à falta sentida de *pais* e *marido*, frente à precariedade de seus objetos internos, poderia participar da constituição dessa função materna ou parental? Por um lado, reproduz-se a vivência de um bebê autossuficiente e poupa-dor, o qual corre o risco de ter que ser mãe e pai, ou que, como ela, só pode ter mãe, precisa elidir o paterno e não pode ser bebê. Ao mesmo tempo, há espaço interno para a gravidez, também psíquica. Surge a alegoria do homeopático, pequenas doses, cuidados com o risco do excesso, a internalização possível conforme se fortalece o continente e torna-se tolerável a angústia.

Na medida em que o bebê adquire peso no interior do corpo materno, surgem associações com um *bebê* que cresce rápido, mas há receios sobre a natureza do que ele ingere/assimila, se faz bem ou mal, se Lídia pode transmitir nutrientes ou toxinas, se pode existir uma dosagem equilibrada. Lídia parece se perguntar se, nessas novas experiências de impacto emocional, pode contar com acompanhantes, ou se, como sempre ocorreu, precisa fazer tudo sozinha. Parece temer também que estas novas experiências sejam tão fortes que imobilizem suas capacidades mentais ou que, sozinha, sinta menos suporte para manter o desenvolvimento de uma mente que vem se fortalecendo para pensar e representar.

Lídia logo me avisa sobre o nascimento do bebê, que nasce no dia seguinte ao que marcamos para a nossa parada. Ao longo dos primeiros meses, liga-me algumas vezes. dizendo que está tudo bem e que ainda não se sente com possibilidade de retomar sua análise e seu trabalho. Parece bastante absorvida pelo contato com o bebê.

## O retorno

Lídia tem muita dificuldade de retornar às suas atividades após o nascimento do bebê, inclusive à análise. Parece bastante deprimida nos contatos telefônicos falando de seu interesse em voltar e, apesar de vários convites, tanto para ela quanto também para ela e para o bebê, só consegue sair regularmente quando o bebê completa 1 ano.

Estaria Lídia precisando experienciar a possibilidade de se legitimar como

Mariângela Mendes de Almeida

---

mãe devotada em seu contato íntimo com o bebê, realimentada pelo período de análise e pelo contato com os próprios aspectos infantis? Ou precisaria repetir o modelo mãe-bebê fusionados, sem entrada para terceiros, incluindo a exclusão do pai/função paterna em constante banimento, sentidos ainda como ameaçadores de possível intrusão?

Na retomada da análise, é intensa a incidência de episódios de choro. Lídia constantemente faz observações sobre a utilização dos lenços de papel que lhe ofereço. Diz que vai acabar com todos os meus lenços, repara quando eu os deixo mais a mão, “*Hoje você já deixou os lençinhos preparados, não é?*” (reconhecendo o acolhimento), ou brinca que, na próxima sessão, vai trazer os dela (deslizando para a autossuficiência, querendo me poupar?).

Ocorrem dificuldades no compartilhar do cuidado com o novo bebê. Lídia sente, como foi com seu primeiro filho, que necessita se virar sozinha e dar conta de tudo, desconsiderando o suporte do companheiro e o vínculo que vai se estabelecendo entre o bebê e este pai, agora presente e próximo. É nesta época da análise, pela primeira vez, que Lídia permite-se algumas lembranças, pacotinhos recém-emergentes a respeito do próprio pai, sentido por ela como muito distante afetivamente e pouco participativo da vida da família. O bebê, vivenciado na pele/concretizado agora a partir de suas próprias entranhas, parece ter permitido o contato com uma área antes não representada de seu panorama porto psíquico *empacotado*, em que (proto-) objetos internos arcaicos são sentidos pelo que ainda emanam de poderosas, ofuscantes e talvez caóticas radiações.

## Encarando de frente a cena viva: metáforizações somatopsíquicas

Em meio a uma atmosfera crítica, com cobranças, tensão cotidiana, distanciamento e dificuldade de conversar, vivenciada no convívio com o bebê e na integração entre as duas famílias, o casal resolve se separar... A sofrida mescla de intensos sentimentos infantis como alívio-triunfo-carência-sobrecarga, vividos pela menina Lídia diante da conflituosa relação dos pais, continua a ser parte da matéria bruta em demanda de *desempacotamento* na análise.

Além de examinar vários aspectos de seus *enganchamentos* e necessidades de repetição, Lídia também se olha muito a partir da relação com esse segundo filho, com o passar do tempo já um ex-bebê, agora com 3 anos (como uma chance de buscar vias alternativas ao invés de pegar a estrada principal tão conhecida). Ilustrando a ideia de Selma Fraiberg (1980), de que história não é destino, expressa desesperadamente a preocupação em não repetir aspectos que lhe foram dolorosos

em sua própria história, desejando muito oferecer ao filho algo diferente. Por vários meses, guarda muito rancor da separação, mas começa a aceitar uma relação independente entre filho e pai, e se permite fazer parcerias de cuidado compartilhado em que pode confiar.

Esses funcionamentos psíquicos fadados à repetição, nos quais, porém, nosso olhar e escuta localizam brechas por onde incide a reciclagem psicanalítica, podem ter sido inscritos ou registrados, mas ainda não ter atingido status de representações. O analista pode ser lançado a associar por dois, a elaborar a partir de ansiedades evocadas, de forma a criar sentido e simbolismo (Levine, 2013).

No campo dos aspectos pré-psíquicos ou proto psíquicos, antes de serem figurados, os elementos não representados podem marcar presença por estados vagos ou eruptivos de turbulência emocional ou pela dificuldade de pensar e de utilizar processos psíquicos regulatórios. Podem ser invisíveis ou somente levemente discerníveis como conteúdo, a menos que seus traços sejam transformados ou atinjam representabilidade por processos intersubjetivos de construção ou co-construção em atos ou expressões de ressonância emocional interna espontânea e intuitiva no campo analítico. Nessas situações, sentimos ou imaginamos o que o paciente pode ainda não claramente sentir ou imaginar, algo que reflete figurabilidade psíquica e forma uma imagem que estrutura ou demonstra algo implícito ou iminente, mas ainda não representado na psique do paciente ou do par analítico (Levine, 2013). A produção do conhecimento criativo ocorre ao vivo, ao sonhar o sonho ainda não sonhado pelo paciente (Ogden, 2004), ou nas colocações em cena no sonho-a-dois da relação analítica (Cassorla, 2013).

Essa rede de sentidos em constituição (Mendes de Almeida, Marconato & Pereira da Silva, 2004) faz-se presente em uma impactante situação clínica:

*Em uma ocasião, quando chamo Lídia para subir para a sala de análise, surpreendo-me ao trocar o nome dela pelo de outra paciente, com nome bem parecido, que está me preocupando muitíssimo, em estado de depressão, com a vida em risco, bastante medicada, envolvendo uma rede de cuidados médicos, terapêuticos e familiares bem cautelosos. Sinto-me constrangida pelo lapso, mas também instigada a pensar o que pode ter aproximado as 2 pacientes em minha mente: dificuldades em retomar sua capacidade profissional, descrença em seu valor e possibilidades atravancando seu desenvolvimento, aspectos de possível depressão, carência básica, sentimentos de fragilidade de recursos internos e, acima de tudo, desespero e desamparo?*

*Durante o seu caminho escada acima, sinto meu constrangimento reduzir-se pela consideração de que eu a chamara gestualmente e olhando para ela, mais do que em voz alta, e por minha dúvida, talvez aplacadora, se Lídia teria ou não*

Mariângela Mendes de Almeida

---

*escutado a pronunciada troca. Aguardo algum sinal da parte dela como indicativo de que rumo seguir. (Sinto o impulso de me desculpar, mas decido esperar para esclarecer o lado da recepção da paciente). Conforme nossos olhares se cruzam novamente na entrada da sala, a leveza presente no olhar de Lídia leva-me a pensar que ela se sentiu chamada e não trocada, mas o lapso permanece alimentando-me o contato com o que eu me sentira de forma inconsciente convocada a convocar em Lídia e que, curiosamente, aparece no material sobre seu filho, bebê recém crescido. Tomo esse aspecto como uma comunicação do infantil entre nós sendo tocado, cuidado e demandando atenção detalhada a nível pré-verbal, mesmo que aspectos mais amadurecidos pareçam estar adaptados.*

Parece importante que tais aspectos infantis continuem vibrando e ressoando, e que não se aquietem. O trabalho psicanalítico torna-se sentido ao permitir sempre um espaço para as inquietações do infantil, alargando canais antes não tão transitados. Esse arcaico sempre ressurgente, o infantil transversal viabilizado pela associatividade e pelo campo transferencial que convoca também o infantil do analista, comparece como fonte inesgotável de alimentação psíquica para cada um de nós, além de ser vivência de criatividade conjunta para a dupla.

*L: Lembrei do que eu queria falar...*

*Quando meu ex-companheiro perguntou se tinha acontecido alguma coisa e eu falei que não tinha, tinha sim!*

*Eu estava dando um remédio homeopático para o Alexandre (filho de três anos), que são umas gotinhas... (conta que foi pegar alguma coisa importante e chamou Alexandre. Foi indo na frente e achou que ele viria atrás, mas ele ficou mexendo no remédio e virou o frasco em direção à boca. Lídia ficou assustada, não sabe quantas gotinhas podem ter caído e se ele tomou alguma. Quando voltou, porque percebeu que ele não estava vindo, viu o Alexandre com o frasco na mão. Lídia acha que o filho percebeu sua ansiedade).*

*Ele olhou bem para mim, pôs as duas mãos em volta do meu rosto e falou:*

*– Mamãe, não fica preocupada, eu tô aqui! (conta atônita, mostrando vividamente o gesto da criança.)*

*Será que uma criança de 3 anos percebe a ansiedade da gente?*

*Como ele percebeu a minha preocupação?*

*Ele não é pequeno demais para falar isto que me falou?*

*Mariângela: Fiquei pensando que a gente pode escutar duas coisas no que ele falou:*

*– Mamãe eu tô bem, estou vivo! Não aconteceu nada comigo! e – Mamãe eu cuido de você, não se desespere mamãe!*

*L: (Ri intensamente, surpresa, quando eu menciono a segunda ideia.)*

*Ai Mariângela..., não tinha pensado nisso...*

É muito comum Lídia rir dessa maneira, em uma mistura de surpresa, ansiedade e sintonia, quando trago alguma imagem ou aspecto que lhe parece novo, como se de repente se abrisse uma porteira, um dique (quem sabe um *pacotinho?*), e depois a gente pudesse examinar o que veio na enxurrada.

L: *É, o Alexandre já falou outras coisas de querer cuidar de mim... Mas ele é tão pequeno! Como é que pode já se sentir tão responsável assim?* (penso na situação de filhos pequenos cuidando de mães deprimidas e na situação inicial dessa dupla durante o longo período de recolhimento da mãe no primeiro ano do bebê).

L: *Passou tudo na minha cabeça! ... Será que ele sabe o que é morte?... Ele não sabe que as pessoas às vezes tomam remédio demais e que podem morrer...*

M: *Parece que a sua fantasia foi de muita culpa... Me fez lembrar daquela cena que você tem trazido bastante (dramatizada entre nós intensamente), de seu ex-marido repetindo, nervoso, “Vou internar sua mãe!!!”, segurando o filho no alto, de frente, te responsabilizando pelo tombo do Alexandre...*

L: *A “cena viva”!*

*Relembra em gesto, levantando os braços e vibrando-os com vigor à sua frente, repetindo enfaticamente:*

*– Vou internar sua mãe! Vou internar sua mãe!*

M: *Você parece querer encarar isso bem de frente.* (Digo isso pela intensidade e direcionamento de seu gesto, visto da minha perspectiva, na qual ela estava deitada no divã com as mãos e braços bem tonificados à sua/nossa frente. Fico pensando no que estaria envolvido em encarar isso de frente... considerar a *loucura*, o psíquico ou o proto psíquico à solta, também como aspecto a ser interna(liza)do? )

Estaria aí presente o contato com a experiência somatopsíquica, intensidade emocional via corpo infantil, como passagem para correntes de intensa voltagem, e a hipercatexia, de outros vínculos (parentais), para os quais o corpo da criança torna-se passagem e absorção? Um momento de integração de sua experiência infantil, como ponto de passagem, para o reconhecimento de que nova passagem se fazia, na microscopia das interações (Stern, 1997), com o novo infantil em formação? Parece presente aí a teia viva das (in)evitáveis(?) repetições, matéria em estado bruto sensorial para nosso trabalho analítico de contato e de transformação em material psíquico.

L: *Que bom lembrar essa cena agora! (diz Lídia assertivamente, numa expressão de intensa realização, com os braços ainda levantados)* (Expressão de um alívio quase pós-catártico? Sua mente sendo capaz de tolerar aspectos anteriormente não toleráveis?)

Mariângela Mendes de Almeida

---

M: *A lembrança trouxe algo novo agora?*

L: *(Diz rapidamente, estendendo o braço em minha direção:)*

– *Me dá a caixinha!! (referindo-se à caixa de lenços de papel, como que avisando, num certo tom de brincadeira, que vai chorar.)*

L: *Acho que o Pedro (ex-companheiro) estava se sentindo tão de fora, tão distante, acho que ele estava enlouquecendo e precisava achar alguém para pôr essa loucura dele!*

*(diz isso emocionada, com lágrimas nos olhos.)*

Nessa hora, surpreendo-me com a sequência de seu movimento introspectivo, como se Lídia estivesse fazendo agora um movimento contrário, expulsivo, projetivo, ao analisar os sentimentos de Pedro. Pensando depois, ao mesmo tempo em que está re-atuando a colocação do paterno como *de fora*, será que ela poderia estar se referindo à dor de ser receptáculo de intensas projeções, re-despertando possíveis experiências primitivas? (Williams, 1997).

Lídia parecia precisar reavivar corporalmente a cena, metabolizá-la em suas ressonâncias, como uma vivência atual refletindo as vivências primitivas e infantis de um casal parental – e modelo de parcerias internas – sentido como em constante tensão, violência e ameaças. O trabalho da análise, entretanto, não vê no subjetivo somente um receptáculo passivo, buscando também os elementos de agência na própria construção da ressonância e na possibilidade de transformação.

M: *Mas, por que será que você se engancha nisso? Que aspectos seus podem estar envolvidos? Essas cenas surgiram aqui entre nós... Por que ressoa em você tão forte essa culpa de não cuidar?*

L: *... Fico pensando se tem a ver com a situação da ausência do meu pai.*

*Preciso cuidar desse negócio de pai... De mãe também, né, não só de pai! (com um leve risinho ansioso, trazendo ainda mais uma nota de melancolia).*

*Mas, como cuidar de algo que eu não tive? Como conseguir oferecer algo diferente do que eu não tive? (Necessidade de construção em um vazio? Negação de fantasias impensáveis? Esgarçamento do tecido psíquico, cortes e rupturas ou falhas em sua trama primordial? Déficit ou conflito? Tais desafios técnicos do trabalho do analista parecem aqui muito imbricados).*

*Tenho que conseguir viver com meus filhos uma coisa diferente do que tive.*

M: *(Comento sobre como Lídia tem buscado, com a análise, estar mais em contato com o que está sentindo, algo que se reflete na relação dela com os filhos. O diálogo e a expressão de estados emocionais têm sido diferentes do que ela vivenciou como criança). Você sente que é muito importante ver que isso é possível, aqui com a gente e também com você e seus filhos.*

## **Evoluções em análise: mãe, casais e filhos, novas configurações internas do infantil em cena**

Como sugerido nas vinhetas ilustrativas, Lídia reage de forma descontraída e costuma rir muito quando falamos algo no sentido figurado ou quando utilizo ou dou continuidade a alguma imagem que ela traz. Lembro da paciente na infância da análise, quando precisava muito que eu a olhasse de fato, sensorialmente, e que ela me visse olhando para ela, para se sentir existindo e sendo cuidada. Penso em como isto acontece agora em outro nível, no qual a mutualidade ocorre pela sintonia da relação.

Mostra-se receptiva às analogias, aparentemente empolgada com esse tipo de parceria lúdica, como se estivéssemos brincando de desenrolar um novelo a partir de uma ponta que ela ofereceu ou seguindo um caminho que não sabemos bem onde vai dar, mas que contém em si o prazer de ser ela a guia.

Em nossa veia e canal analítico, pulsam constituintes primevos da intersubjetividade desde os primeiríssimos tempos do ser, ingredientes também presentes na qualidade do infantil: senso de ser agente e emocionalidades compartilhadas.

Vivenciamos aqui o brotar no diálogo analítico das metáforizações somatopsíquicas, em três níveis concomitantes: interno/ intrapsíquico, histórico e transferencial. Elas aparecem figurando-se em imagens, personagens e sequências narrativas que, com seu aparecimento, modificação e dissolução, assim como hologramas animando mutáveis modalidades de relação na sessão, condensam elementos verbais, emocionais e corporais, correlatos ao funcionamento mental do par e às necessidades comunicativas do momento, como *agregados funcionais* (Ferro, 1995, p. 40).

Poderíamos também relacionar as metáforas somatopsíquicas com conexões atemporais entre passado, presente e futuro, o infantil sem tempo e a todo tempo. Transportes do corpo/concreto para o psíquico/a mente, mas ainda somatopsíquicos, não totalmente metáforizados, transportes em ação, ainda não alterações (ou alterações). Caminhos ainda em estado proto, bruto, que, se olhados em microscopia, continuarão mostrando a carne viva, frágil, talvez machucada, em possibilidade de regeneração para várias vias.

Pensando nas vivências do bebê que todos nós fomos, aprendemos (de maneira arcaica, vivencialmente) e reaprendemos, com a sensibilidade articulatória de Daniel Stern (1997), como de forma gradativa constituímos o sentido a partir da integração entre os vários órgãos sensoriais, entre as várias modalidades de contato, visual, tátil, olfativo, auditivo, gustativo proprioceptivo, sem privilegiar

Mariângela Mendes de Almeida

---

uma única modalidade, mas conectando-as rumo a uma categorização abrangente que interliga a experiência global em consensualidade. Aqui já vão se constituindo, desde as primeiras ondas e modulações de afetos de vitalidade e as nossas primeiras paisagens mentais quanto ao senso de espaço e de tempo, o que vai se configurando como nosso senso de *self*, de outro, de nossas proto relações emergentes, conectando qualidades emocionais, possíveis fantasias e registros psíquicos correlatos às experiências vivenciadas corporeamente. Por isso, no campo dos aspectos arcaicos e primitivos da mente, considero interessante pensar em condensações transversais, de tempo e de modalidade, como túneis de contato atemporal trazendo a vivacidade sensorial primitiva que retorna em novas reedições, mostrando intensidade marcante em suas manifestações corporais e psíquicas ainda a serem *desempacotadas*, muitas vezes trazendo vivas as matérias constituintes não tão distantes do magma que as caracterizou.

Curiosamente, e em paralelo com o desenvolvimento do vínculo com o filho nascido durante a análise, descrito como muito expressivo e solicitador de contato, Lídia tem se sentido revigorada e mobilizada no aspecto emocional, experimentando uma relação de cuidados com dependência e proximidade afetiva, em que se conversa sobre sentimentos e em que as necessidades infantis são acolhidas com menos susto.

Ao longo do trabalho analítico, Lídia parece ter aumentado os recursos de contato com seu universo mental, ao passo que suas relações parecem ter se beneficiado dessa maior disponibilidade. As frequentes repetições, entretanto, algumas ocorridas durante a vigência da análise, constantemente me intrigaram e instigaram curiosidade. De certa forma, elas me remetiam a um sentimento incômodo de responsabilidade e autoexigência (contratransferencial?), como se a análise tivesse que garantir a não recorrência de atuações de aspectos ainda não digeridos de sua trama psíquica. Um interessante movimento da paciente e da dupla, como se fosse a expedição a uma caverna, mostra que novas galerias podem ser ainda constantemente iluminadas. É com tais imagens que gostaria de finalizar essa reflexão analítica.

## Seis anos após o início da análise: Pedras pela boca

*Na sessão anterior, Lídia trouxera um sonho em que se via soltando pedras pela boca. Eram pedras transparentes, tipo cristais, bonitas, como pedras preciosas. Sente-se surpresa com o sonho e, em nossa conversa, relaciona-o ao seu sentimento de estar bem com o que está podendo falar com o filho mais velho de*

*17 anos (as discussões por conta das aventuras adolescentes do garoto) e com o filho mais novo, agora com 5, sobre as requisições sentidas que ele faz da presença do pai. Soltar pedras preciosas pela boca faz com que ela pense em fazer algo que não lhe é fácil, é duro como pedras, mas valoroso, com o qual se sente bem, podendo cuidar, podendo falar.*

Podemos conjecturar como, neste sonho, o ato de soltar pedras preciosas pela boca poderia também ser visto em parte como uma metáfora somatopsíquica a ser processada, metabolizada e simbolizada em nosso contato analítico. Em comunicação transferencial, algo poderia ser transparente, trazendo a ver algo de muito valor, precioso, que é ao mesmo tempo duro, difícil, mas que lhe faz sentir-se bem, cuidando de si e sendo cuidada ao poder falar. Sente-se surpresa com a imagem de soltar algo pela boca, inicialmente algo bem centrado no concreto do corpo somático, volume duro ou precioso que alude aos outros sonhos anteriores quanto à oralidade/subjetividade infantil e seus *engasgos*, mas que, nas associações, acaba por nos transportar também a aspectos mais desenvolvidos, mais psiquicamente metaforizados, de criança que pode crescer, mas requisitar dependência, e de adolescente/mãe que compartilham aventuras com parceria e confiança.

No dia seguinte:

*Em voz baixinha, em tom de confessorário, quase sussurrando:*

*L: Sonhei que eu estava tentando subir numas pedras, perto do mar; e a maré subia... As pedras ficavam escorregadias. Antes da maré subir, não escorregavam...*

*Na exploração conjunta do sonho, vão surgindo outras imagens:*

*L: Eu estava tentando chegar numa casa, era um lugar muito bonito, o mar; a casa, as pedras, mas eu ficava tão assustada... Eu estava sozinha, mas tinha a sensação de um movimento de estender a mão para receber ajuda ou segurar em alguém. Em um momento ficava com medo que fosse um tsunami, em outros achava que a maré logo ia voltar a baixar, mas eu não conseguia subir...*

*Ela associa isto com aflições com o filho mais velho, que lhe dão a impressão de não estar conseguindo chegar a nada, de estar muito amedrontada, assustada, sem saber o que pode acontecer.*

*Chamo a atenção para a impressão dela de estar tentando segurar em alguém, podendo pedir e receber ajuda.*

*M: Você está sozinha, mas se sente acompanhada e se deixando acompanhar, como estamos aqui com as suas aflições... É diferente de como era antes, você achando que tinha que dar conta de tudo sozinha.*

*L: É... quando a gente não faz análise, fica um monte de coisas só acontecendo e a gente não presta atenção... Se fosse antes, eu ia querer resolver tudo sozinha, sem demonstrar sofrimento, sem poder me incomodar.*

Mariângela Mendes de Almeida

---

*M: Você também está vivendo uma situação difícil, mas se sente acompanhada. Ao mesmo tempo, talvez possa se sentir mais sozinha, no sentido de não misturada, menos embolada, podendo discriminar seu sofrimento, sua história e a situação do seu filho.*

*Conversamos mais sobre a questão do sozinha-solidão e sozinha-menos misturada (Winnicott, 1958/1983), os enganchamentos com o ex-companheiro no início da separação e a dificuldade de ver que ele era diferente de seu próprio pai e do primeiro marido, no sentido de querer acompanhar mais o filho. Havia agora também a possibilidade de conversar sobre faltas e sentimentos com o filho menor, algo que ela mesma nunca tivera para si e nem pudera prover para o filho mais velho.*

A anterior inacessibilidade de conversa e a ameaça de desastre/tsunami parecem ter como contraponto a presença de uma casa onde se possa chegar e a valorização da análise como preciosidade que viabiliza a conversa e que se oferece como parceria para o desenvolvimento de seus aspectos adultos frente aos *filhos/aspectos infantis difíceis*.

*L: Vejo muita coisa da minha história... Agora, vejo muitas coisas do meu pai nos meus maridos... Como eu não percebia isto?*

*Converso muito com a minha mãe no telefone. Eu não lembrava nada, pouquíssima coisa, e ficava insistindo para ela me contar. Ela comentou outro dia: você não lembra que seu pai, antes de sair de casa, te levava, ainda criança, para a casa das amantes e você voltava com presentinhos, lembrancinhas? (será que a imagem dos *pacotinhos* – repertório representacional na análise e potente imagem em minha narrativa do trabalho com Lídia – pode envolver algum precipitado desses registros, aspectos infantis de sua relação *perigosa* com o pai, embalados nos *pacotes*, *lembranças* atraentes, mas intensamente pesadas/carregadas de culpa, destinadas a uma constante reatualização, condenadas a serem sempre *presentes*?).*

*Mas eu não lembro nada! (completa Lídia, indicando-nos a peculiar condição de presença e ausência destes pacotes, submetidos aos movimentos de nosso funcionamento mental ante a terrível intimidade com o sofrimento psíquico). Estará aqui descrita a progressão gradativa possível entre nossa trabalhada constituição da representabilidade, permitindo agora o acesso aos aspectos reprimidos e recalçados?*

Lídia lembra-se de uma certa expressão de preferência do pai por ela, única menina. No contato com as vivências edípicas precoces de Lídia algumas conjecturas se fazem pensáveis: a vivência (experienciada e relembra corporalmente na proximidade física ao colo do pai, imantada com nuances de violência e medo) dessa preferência expressa por seu feminino, em contexto do

falecimento da única outra filha-bebê e do falecimento psíquico manifesto da relação do casal parental. Ao mesmo tempo, *escolher* o pai, ou corresponder a esta preferência, no que seria um movimento edípico natural, conflituava com seu compromisso de aliança protetora com a mãe sacrificada. Restava-lhe condenar o pacote/pai (e a função paterna atribuída aos outros companheiros parceiros) ao banimento e à distância afetiva, como possível forma de lidar com a dor psíquica.

Tal nódulo conflitivo constantemente é repetido nos relacionamentos afetivos de Lídia, nos quais se ratifica mais uma vez a inviabilidade do vínculo do casal, como uma profecia que se confirma e se autorrealiza, às custas, porém, de muita culpa e angústia autopunitiva.

Depois desse “tsunami” emocional, que parece condensar de forma onírica e associativa aspectos significativos do funcionamento mental de Lídia, assim como questões intrigantes de sua história e de nosso contato, digo, sentindo-me bastante mobilizada:

*M: Parece que, através de seus vínculos atuais, você precisou vivenciar na pele novamente sentimentos muito sofridos, só que agora de uma maneira mais fortalecida, protegida, acompanhada inclusive pela própria análise. Coisas que você não pode nem lembrar, que não dá nem para pensar, mas que agora você vai podendo resgatar conforme as revive nos vínculos atuais. Parece que você precisa viver na pele novamente, para poder expor a carne viva e poder tratar...*

*Ao sentar-se no divã para levantar, Lídia olha bem para mim com o olhar sofrido e avermelhado pelo choro. Sinto sua expressão de gratidão.*

### **Considerações finais: metáforas somatopsíquicas em perspectiva, de pacotinhos à deriva em alto mar ao acolhimento e resgate na relação analítica**

O contato analítico com os aspectos infantis de Lídia percorrerá os níveis históricos, intrapsíquicos e relacionais insaturados (Ferro, 1995, p. 91), partindo de ferramentas clínicas que puderam criar vida graças à intensidade, frequência/continuidade e complexidade propiciada por uma relação analítica.

O infantil “continua a agir simultaneamente ao nível dos processos edipianos secundários e ao nível dos mecanismos primitivos” como “pré-formas em permanente vir-a-ser em todas as atividades mentais” (Guignard, 1997, p. 17). Para esta autora, e também para Lídia, quando os pontos de fixação e de repetição estéril em nossos modos de ser e ter são desfeitos na relação analítica, vão novamente, como pré-formas revigoradas, garantir a eficácia pulsional às

Mariângela Mendes de Almeida

---

organizações mais amadurecidas, *dando o tom* à nossa personalidade de sujeito em nosso funcionamento adulto habitual (Guignard, 1997).

Esperamos aqui ter iluminado, a partir do percurso em dupla com Lídia, reflexões acerca da função da análise e do infantil na cena psicanalítica, como fertilização e criação de espaços de representação, transitando pelas repercussões na técnica oferecida pela via das metáforizações somatopsíquicas.

Nos encontros analíticos com Lídia, como em seu sonho (ou nosso?), vi-me respaldada por nosso cotidiano de formação e profissão, como base de sustentação frente às turbulências e superfícies escorregadias, como andaimes e espaços para o pensar a partir da experiência emocional (Bion, 1962).

Diante da re-vivência de dores antes impensáveis, senti-me objeto continente alternativo, objeto/mente que pôde, em conjunto com ela, construir representações de seu sofrimento psíquico, auxiliando-a a sofrê-lo ao invés de evitá-lo, bloqueá-lo ou levá-lo ao encapsulamento (Korbincher, 2008). Também cuidamos para que riscos de esquecimento e de cristalização pelo congelamento aparecessem como alternativa a uma ainda mais temida pulverização e ausência de existência. Assim, pacotinhos perdidos em alto mar puderam encontrar praia, ou se permitiram ser resgatados nos mergulhos conjuntos da dupla analítica.

O trabalho de construção de metáforas somatopsíquicas encontra ressonância na tendência psicanalítica contemporânea de oferecer representação e figurabilidade aos elementos proto-psíquicos em processo de configuração ou às áreas tomadas por aspectos traumáticos inundados por restrições à pensabilidade, como exemplificados nos “pacotinhos” de Lídia.

Instrumento técnico inspirador, os recursos metaforizantes nesse contexto somatopsíquico vem permeando a amplitude da clínica psicanalítica como um todo, das primordiais relações até as bases infantis de todas as relações ao longo da vida. □

## Abstract

### **Somatopsychic metaphors: the notion of the infantile in its re-presentations as the core of emotional development**

Starting from the notion of the infantile as an ever-present reservoir of archaic aspects that can be revisited, in a constant retrieving and updating movement, this clinical reflection explores an analytical dyad experience, considering the presence of somatic remains waiting for psychic integration. I propose the notion of somatopsychic metaphorization to refer to this process. Given the precariousness of her relational life, Lydia searches for possibilities of transformation by

experiencing new intimacy in our analytical contact, which can help her internalize less violent and not so threatening objects. In this context, the clinical contact with primitive states (forged in metaphorical language by the patient as lost packages to be found and unwrapped) would demand the construction of aspects of non-represented experience as well as the constitution of a psychic tissue, in addition to, but also before, the unveiling of repressed aspects. Parallels between the analytical relationship and the development of the patient's pregnancy evoke elucidative communications of infantile aspects and possible windows of access to the somatopsychic metaphorizing process and integration.

Keywords: Psychoanalytic clinic; Somatopsychic metaphor; Transference; Infantile; Primitive states of mind; Psychoanalytic tools; Pregnancy

## Resumen

### **Metáforas somatopsíquicas: lo infantil en su re-presentación como constituyente del desarrollo emocional**

Partiendo de la noción de lo infantil como un reservorio siempre presente de aspectos arcaicos revisitables en constante rescate y actualización, esta reflexión clínica pasa por la experiencia de un dúo analítico en encuentros con el infantil, considerando la presencia en registros somáticos y recuerdos instalados en el cuerpo, que requieren integración psíquica. Para referirme a este proceso, propongo la noción de metaforización somatopsíquica. Dada la precariedad de sus experiencias relacionales, Lydia parece necesitar generar y gestar posibilidades de transformación mediante el ejercicio de nuevas asociaciones de intimidad, que le ayuden a interiorizar objetos menos violentos y no tan amenazantes. El contacto clínico con estados primitivos (forjados en lenguaje metafórico por el paciente como paquetes perdidos para ser encontrados y desenvueltos), estaría exigiendo la construcción de aspectos de la experiencia no representada y la constitución del tejido psíquico, además de (pero también por debajo) del desvelamiento de aspectos suprimidos y reprimidos. Los paralelismos entre la relación analítica y la aparición del embarazo de la paciente evocan comunicaciones elucidativas de aspectos infantiles y posibles ventanas de acceso al campo de la metaforización y la integración somatopsíquica.

Palabras clave: Clínica psicoanalítica; Metáfora somatopsíquica; Transferencia; Infantil; Aspectos primitivos de la mente; Técnica psicoanalítica; Embarazo

Mariângela Mendes de Almeida

---

## Referências

- Bion, W. (1962). *Learning from experience*. Londres: Heinemann.
- Cassorla, R.M.S. (2013). In search of symbolization: the analyst's task of dreaming. In H. Levine, G.S. Reed, & D. Scarfone, (Orgs). *Unrepresented States and the Construction of Meaning*, London: Karnac.
- Ferenczi, S. (2011) O sonho do bebê sábio. In *Obras completas* (2ª ed. Vol. 3, Trad. A. Cabral, pp. 223-224). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1923)
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil: a criança e o analista: da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fraiberg, S., Adelson, E., & Shapiro, V. (1980) Ghosts in the Nursery: a psychoanalytic approach to the problems of impaired infant-mother relationships. In S. Fraiberg (Ed.) *Clinical Studies in infant mental health: the first year of life*. London: Tavistock.
- Freud, S. (1980). Recordar, repetir e elaborar. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 191-203). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Guignard, F. (1997). *O infantil ao vivo: reflexões sobre a situação analítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kahtuny, H.C., & Sanches, G.P. (2009). *Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo, S. P: Fapesp.
- Korbivcher, C.F. (2008). *Transformações autísticas: o referencial de Bion e os fenômenos autísticos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lebovici, S. (2014). A parentalidade: a árvore da vida ou a empatia metaforizante, o enactment. In *Ser pai, ser mãe: parentalidade um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Pearson.
- Levine, H. (2013). The colourless canvas: representation, therapeutic action, and the creations of mind. In H. Levine, G.S. Reed, & D. Scarfone (Orgs). *Unrepresented states and the construction of meaning*. London: Karnac.
- Mendes de Almeida, M. (2013). *Encontros analíticos: o infantil em cena na constituição do tecido psíquico*. Primeiro relatório apresentado ao Instituto Brasileiro de Psicanálise de São Paulo.
- Mendes de Almeida, M.; Marconato, M.M., & Pereira da Silva, M.C. (2004). Redes de sentido: evidência viva na intervenção precoce com pais e crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(3), 637-648.
- Mendes de Almeida, M. (2014). Metáforas somatopsíquicas: realidade e cotidiano em sua expressão na clínica psicanalítica, essa nossa ficção. Trabalho apresentado no 30º *Congresso Latinoamericano de Psicoanálisis*, Buenos Aires.
- Montagna, P. (2006). O rapto das metáforas. *Ide*, 29(43), 57-62.
- Nogueira, P. (2002). Comunicação em aula ministrada pelo Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Metáforas somatopsíquicas: o infantil em suas re(a)presentações como constituinte do ...

---

- Ogden, T. (2004). This art of psychoanalysis. Dreaming undreamt dreams and interrupted cries. *The International Journal of Psychoanalysis*, 85, 857-877.
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade. O panorama da psicoterapia pais/bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Williams, G. (1997). Reversal of the Container/Contained Relationship. In *Internal landscapes and foreign bodies: eating disorders and other pathologies* (pp. 103- 113). London: Duckworth.
- Winnicott, D.W. (1983). A capacidade para estar só. In *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 31-37). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1958)
- Winnicott, D.W. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

Recebido em 31/05/2021

Aceito em 07/07/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Edgar Chagas Diefenthaler**

**Mariângela Mendes de Almeida**

Rua Escobar Ortiz, 628

04518-050 – São Paulo, SP – Brasil

mamendes@hotmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA